

Mitos da língua: o caso da palavra “saudade”

Luiz Costa Pereira Junior¹

Resumo: No campo de pesquisa da linguagem há muitos fatos propagados como verdades que não são sustentáveis. Este ensaio discute um dos mais comuns nos países de língua portuguesa: o de que a palavra “saudade” só existe em português.

Palavras chave: mitos, linguagem, saudade.

Abstract: In the search field of language there are many facts propagated as truths that are not sustainable. This essay discusses one of the most common in portuguese-speaking countries: that the word "saudade" exists only in Portuguese.

Keywords: myths, language, nostalgia.

Em língua, é muito fácil ver constatações revelarem-se equívocos: o campo de debates e pesquisas da linguagem é um terreno movediço de certezas provisórias e convicções antigas que sobreviveram à própria utilidade – e contra as quais ainda lutamos por nos libertar. Há muitos fatos, mas também mitificações que zunem em nossas mentes como verdades pétreas.

Como diz Fernando Pessoa, no poema “Castelo” de *Mensagem*, o mito “por não ter vindo foi vindo / e nos criou / assim a lenda se escorre / a entrar na realidade”.

A linguagem é ela mesma um mito – a crença secular de que interagimos sobre uma base comum de referências. Como todo mito, mesmo ela não pode ser impermeável a contestações. Ou de crença que nos poupa o trabalho de pensar, vira apenas um estorvo que nos impede de avançar.

O fato é que há proposições, máximas e preconceções que, à falta de melhor tutela, chamemos por “mitos da linguagem” – os fatos pouco ou nada sustentáveis que se propagam como verdades sobre os idiomas, a língua portuguesa e a expressão humana. O avanço da pesquisa tem mostrado que muitas dessas verdades são de ouvir falar, como “português é difícil”, “mulher fala demais”, “a palavra ‘coitado’ vem de ‘coito’”. Mas, como os especialistas raramente concordam entre si, mesmo sua desmitificação corre o risco de reproduzir equívocos que combate. Por isso, dissolver mitos é fotografar o estado da arte de certezas sempre relativas.

Talvez o mito de linguagem exemplar dessa dificuldade de estabelecimento é o que rodeia a ideia consagrada de que “saudade” só existe em língua portuguesa. Dizem que a língua portuguesa é especial porque nenhum outro idioma possui uma palavra tão expressiva como “saudade”. Outros têm, de fato, palavra semelhante, mas sem o alcance e a frequência do vocábulo português.

De fato, “saudade”, o mundo de língua portuguesa parece sentir, nem sempre explicar. Não é solidão, não é nostalgia ou lembrança, não é dor ou suavidade. Mas é

¹. Jornalista e escritor, é doutor em filosofia e educação pela FE-USP e editor da revista Língua Portuguesa (editora Segmento)

também solidão, nostalgia e lembrança, dor e leveza. É lembrança de algo que não mais se tem, mas se quer de volta. Mas não só. Há outras palavras que designam sentimentos parecidos e o que dá distinção à saudade é o fato de ser a dor gostosa da ausência, um sentimento de melancolia suave que é especialmente saboreado por quem sente falta de alguém ou algo.

A palavra “saudade” não chegara a sua configuração morfológica no século XIII quando Tomás de Aquino fez na *Summa Teológica* (I-II, 35, 3 ad 2) o que Jean Lauand considera um agudo diagnóstico que incluiria até a explicação causal² da saudade: a dor é avessa ao prazer, constata o Aquinate, mas pode ocorrer que “um efeito colateral (*per accidens*) da dor seja deleitável” – exemplo disso, reitera Tomás, seria a dor deleitável que produz a recordação daquilo (pessoa, terra, etc.) que se ama e faz perceber o amor daquilo por cuja ausência nos doemos. “E assim, sendo o amor algo deleitável, a dor e tudo quanto provém desse amor também o serão”.

Esse caráter deleitável essencial ao sentimento da saudade não está necessariamente dado em obras atuais de referência. Assim, a acepção dada pelo Houaiss³ enfatiza a saudade como “um sentimento mais ou menos melancólico de incompletude”, ligado pela memória a situações de:

- 1) Privação da presença de alguém ou de algo;
- 2) Afastamento de um lugar ou de uma coisa;
- 3) Ausência de certas experiências e determinados prazeres já vividos e considerados pela pessoa em causa como um bem desejável.

O dicionário *Aurélio*, por sua vez, limita-se a dar o sentido de saudade como “lembrança nostálgica” simultaneamente “suave”, acompanhada do desejo de tornar a ver pessoas ou a ter coisas distantes ou extintas⁴. Em ambos, perde-se na definição o caráter deleitoso essencial à compreensão desse sentimento em língua portuguesa.

Uma rede de ambiguidades parece envolver esse termo, que demorou a ser refinado em nosso idioma. No berço, era parente do termo “solidão” (*solitude, -inis*). Segundo os dicionários de Antônio Geraldo da Cunha e de Antônio Houaiss, veio do latim *solitas -âtis* (unidade, isolamento, solidão, desamparo, retiro), derivado do latim *solus, -a, -um* (só, solitário). *Solitas -atis* nomeava a solidão provocada pela falta de alguma coisa. O vazio de não ter era o que *solitas -atis* significava. É notável que em latim tenha também havido expressões como *suavium* (beijo apaixonado), *me suavitudo* (meu bem), *suaviatio* (beijo, ternura).

Até o século XIII há registro de mais de uma forma em português. *Saydade, soidade, suidade* são as mais conhecidas, lembra Antônio Geraldo da Cunha. Há registro, no século XV, das variantes *soedade* (Alfonso Álvares) e *soidade*, com alteração *au > oi* ou *oe*. Outros registros se estabeleceram para a palavra, como *suydade* no século XVI (Gil Vicente) e assim como a forma sertaneja brasileira “sôdade”, com monotongação *au > o*.

² Ver LAUAND, J. Tomás de Aquino e a saudade. In: *Conferências de filosofia*, Alguns textos I. Videtur, 9. São Paulo, 1999. Disponível em <http://www.hottopos.com.br/videtur9/renlaoan.htm>. Acesso em 9-12-2013.

³ HOUAISS & VILLAR, 2001: 2.525, verbete “saudade”.

⁴ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 3ª ed. Curitiba: Positivo, 2004: 1.814, verbete “saudade”

Em 1606, o gramático Duarte Nunes de Leão estabelece a legendária intraduzibilidade da “saudade” portuguesa, no capítulo XXI de sua *Origem da Língua Portuguesa*, embora sem atinar com o aspecto distintivo do termo.

Este affecto como he proprio dos Portugueses que naturalmente são maviosos & affeiçoados não ha lingoa em que da mesma maneira se possa explicar, nem ainda per muitas palavras que se declare bem. Porque por o que os latinos chamaõ *desiderium*, não he isso propriamente. Que segundo a diffinição de M. Tullio no livro 4 das *Thusculanas*, questões, *desiderium est, libido vivendi eius qui non adsit* que quer dizer, *Desiderium* ou desejo he vontade de ver alguém que não estaa presente, sendo saudade palavra que não se diz, soamente referindo a pessoas, mas a cousas inanimadas. Porque temos saudades de ver a terra em que nascemos, ou em que nos criamos, ou em que nos vimos em algum gosto, ou prosperidade. Polo que parece que mais lhe podia quadrar esta diffinição, que he: lembrança de algua cousa com desejo della⁵.

“Saudade”, no sentido de “lembrança de alguma coisa com desejo dela”, surge no século XV mas só se consolida no XIX, informa Cunha. Morfologicamente, a palavra, no entanto, não é particularidade nossa. Porque derivada do latim, existe em outras línguas românicas. O espanhol tem *soledad*. O catalão *soledat*. O sentido, no entanto, não é necessariamente o que se consagrou em português, está mais próximo de uma nostalgia de casa, a vontade de voltar ao lar.

Na família linguística derivada do latim, o nosso “saudade” estaria mais próximo do romeno, mas em outra palavra, outro significante: *dor* (pronuncia-se “durere”). Fora do campo latino, em bósnio, há *sevdah* com sentido bem parecido. Mas a originalidade portuguesa, garante a tradição portuguesa em torno do termo, teria sido:

1) a ampliação do vocábulo para outras situações que não a solidão sentida pela falta do lar;

2) a noção de que esse sentimento de ausência é “bom de sentir”, degustado positivamente pelo espírito.

Na sedimentação do sentido do termo, ao lado de *soletate* (soledade, isolamento), haveria também a influência do árabe *saudá* ou *saud* (melancolia). O português teria tido, no termo, concorrência de origens, gerando o influxo do latim *suavitatem*, daí *suavitate*. As formas *soedade* e *soidade* teriam assim desaparecido, tornando-se arcaicas, por causa da forma “saudade” ter um reforço de étimos árabe e latino.

O sentido, no entanto, nos tempos em que Nunes de Leão afirmou sua intraduzibilidade, era algo distinto do que é dado nos tempos de Paulinho de Viola, nosso tempo. A tecnologia reduziu as distâncias e instaurou uma proximidade sem precedentes na história. Numa era de veículos portadores da memória individual e de gravações nos mais diversos suportes eletrônicos e virtuais, como internet, telefonia,

⁵ A edição de *Origem da língua portuguesa*, de Duarte Nunes de Leão (1530?-1608), está disponível em: http://books.google.com/books?id=IvgAAAAAMAAJ&pg=PR5&dq=nunes+de+le%C3%A3o+origem&as_brr=1&hl=pt-BR

fotografias digitais, criaram-se canais de contato que teriam mudado a configuração semântica da “saudade”, tal como era percebida até o século XIX.

A percepção de perda e distância do objeto da memória, sólida no passado, hoje impeliria a palavra a novos campos semânticos na linguagem cotidiana. O sentido atual do termo não mais firma com precisão o aspecto que a cultura lusitana aprendeu a distinguir o termo: a saudade como ausência degustada.

Recebido para publicação em 12-01-14; aceito em 15-02-14